

## PROFESSOR EDUARDO LOURENÇO

Senhor Presidente da República, Excelência  
Senhores Antigos Presidentes da República  
[Senhores Membros do Governo]  
Senhor D. Manuel Clemente, Eminência  
Senhor D. José Tolentino de Mendonça, Eminência  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Como todos sabem, a Fundação Calouste Gulbenkian era a segunda casa do Eduardo Lourenço, quando voltou de França.

Em todos nós, atuais e anteriores colegas, deixou uma marca inesquecível.

Mas não posso deixar de referir a especial amizade e confiança que o Eduardo, desde há muito, mantinha com o Guilherme d’Oliveira Martins. Por isso, as minhas palavras têm também muito das recordações que o Guilherme comigo partilhou.

Ao proferi-las em nome do Conselho, faço-o em nome de todos – atuais e antigos membros da Administração - mas também como a “sua” presidente, como o Eduardo sempre insistia em chamar-me.

É fácil e difícil falar do Professor Eduardo Lourenço como pessoa. Fácil pela proximidade que se estabeleceu entre nós, e difícil pela sua genialidade. Ainda temos na nossa memória recente a sua presença afável

e amiga nos corredores da Fundação Calouste Gulbenkian e nas reuniões da Administração.

Era extraordinário o seu convívio. Ficamos a dever-lhe muito. A cada passo, sentíamos a profundidade das suas reflexões e da sua cultura e o seu sentido de humor, tantas vezes desarmante. Era uma voz necessária e sempre ouvida, sabendo complementar o bom senso com a ponderação inteligente das circunstâncias.

Entre os seus livros e leituras e a imensa quantidade de jornais e revistas que o rodeavam, Eduardo Lourenço era um homem atento ao mundo e aos acontecimentos. E simultaneamente era alguém que sabia exprimir e interpretar com grande rigor a opinião dos cidadãos comuns, porque sabia ver e ouvir, como ninguém.

O ensaísta foi um analista por todos reconhecido, conhecedor como ninguém dos principais autores e pensadores contemporâneos numa perspetiva original, uma vez que não se limitava às considerações eruditas, juntando-lhes sempre o senso comum e o sentir dos leitores.

Foi-nos sempre muito agradável a sua presença e o seu convívio e, com a sua partida tão recente, já sentimos saudades do seu sorriso sereno e da sua argúcia.

Era um homem independente, disponível para pensar pela sua cabeça, sem se deixar ir pelo espírito do tempo ou pelas modas. A isso chamou na sua juventude “heterodoxia”, que era essencialmente o sentido crítico e a insusceptibilidade de se deixar rotular ou arregimentar em grupos ou escolas. Por exemplo, em matéria europeia, sendo um europeísta

convicto, não poupava críticas aos egoísmos nacionais ou à indiferença relativamente à liberdade...

Não esquecemos o que um dia disse com imensa graça: “há dias em que madrugamos e julgamos que vamos apanhar Deus. Em vão: Deus levanta-se sempre mais cedo!” Era difícil surpreendê-lo, porque sabia que a sabedoria é sempre feita de prevenção e de sobreaviso.

Permitam-me uma palavra para sua família, para seu filho e seus irmãos, de sincera amizade, exprimindo os nossos sentimentos mais profundos.

Neste momento fica a memória da amizade, da generosidade e do sentido exigente com que debateu e refletiu sobre Portugal, porque acreditava no futuro.

Isabel Mota

Lisboa, 2 de dezembro 2020